

Lésbicas envelhecem? Invisibilização, violências e resistências na intersecção entre idadeismo e lesbofobia

Sarah Rynne Sukerman Sanches

Longe de ser um estágio homogêneo da vida, o envelhecimento é um percurso contínuo e complexo. Cada pessoa envelhece de um modo ao mesmo tempo singular e social, segundo as condições materiais e simbólicas que moldam a sua trajetória, e isso exige um olhar atento às especificidades, desigualdades e marcadores sociais que estruturam o envelhecer de diferentes sujeitos, impondo desafios à efetivação de direitos e à formulação de políticas públicas.

Ao questionar o envelhecimento enquanto uma experiência homogênea, que diluiria as diferenças entre homens e mulheres na fase mais avançada da vida, os estudos sobre a *feminização da velhice* destacam como o gênero constrói relações específicas com o envelhecimento, revelando desigualdades, vulnerabilidades e modos distintos de viver o avançar da idade pelas mulheres (Britto da Motta (1999; 2018, 2013); Debert e Brigeiro (2012); Debert (2020 [1999])).

Contudo, as mulheres não apenas vivem diferentes experiências de envelhecimento se comparadas aos homens do mesmo grupo de idade, elas vivem experiências diversas entre si mesmas. No campo dos estudos feministas e sobre mulheres, essa crítica à homogeneidade da categoria “mulher” tem sido historicamente protagonizada por pensadoras e ativistas negras, lésbicas e do Sul Global que apontam, a partir de diferentes chaves conceituais, a articulação entre os diversos eixos de poder e opressão, como sexo/gênero, raça/etnia, classe e sexualidade, mas também nacionalidade, território e outros, que configuram experiências diversas para as mulheres (Curiel, 2013).

Entre as lacunas das produções acerca da multiplicidade da experiência de envelhecimento entre mulheres, está o escasso número de reflexões e investigações acerca das mulheres velhas lésbicas (Sanches, Silva e Britto da Motta, 2024). Neste artigo, objetiva-se realizar reflexões iniciais acerca das experiências de envelhecimento de mulheres lésbicas, a partir de estudos já realizados, para apontar como o idadeismo e a lesbofobia acometem as suas trajetórias, trazendo prejuízos subjetivos e sociais.

Velhices femininas e sexualidade

O que mantém vivo o ser humano é a afeição, a ternura, o sonho, a presença de alguém que o escute, com quem compartilhe a vida. A sexualidade está para além da relação genital que, equivocadamente, é entendida no seu contrário. (Santos, 2003, p. 30)

No amplo campo de temáticas que envolvem os estudos sobre as velhices, a sexualidade e o amor são questões fundamentais a serem refletidas, haja vista a acepção, ainda dominante de que as velhas e velhos são assexuados, ou seja, não possuem libido ou desejo sexual, menos ainda mantêm experiências sexo-afetivas. Uma concepção que, pela força do preconceito e do imaginário social produzido sobre a velhice, muitas vezes recai também sobre as próprias pessoas velhas, que a internalizam (Santos, 2003; Eloi et. al, 2017).

No caso das mulheres, esse silenciamento é ainda mais severo, haja vista que a sexualidade feminina tem sido historicamente alvo de diferentes mecanismos de controle social, estigmatizada e cerceada em suas possibilidades de autonomia e autorrealização. Na velhice, esses estigmas e controle assumem outros contornos, caracterizados pela desvalorização do corpo feminino envelhecido e a ridicularização das expressões de desejo, libido ou sexualidade advindas dessas sujeitas (Eloi et. al, 2017).

Embora muitas mulheres velhas permaneçam sem novos relacionamentos após o divórcio ou a viuvez, outras se abrem a novas vivências afetivas e sexuais, optando por encontros casuais, namoros ou até outros matrimônios (Santos, 2003; Tavares, 2008; Eloi et al., 2017;). Ainda assim, é comum que relatem receio ou dependência da aprovação familiar quanto à sua vida afetivossexual, uma forma persistente de controle social que atravessa as histórias de vida de muitas mulheres. Não raro, as suas trajetórias são marcadas pela sublimação do amor romântico em nome do ideal do casamento e da felicidade no seio familiar (Tavares, 2008).

As mulheres lésbicas, quais sejam aquelas que elegeram outras mulheres como amantes (Clarke, 1988), recusando-se a se tornar ou a continuar heterossexuais (Wittig, 2022 [1981]), possuem, por sua vez, trajetórias históricas, sociais e de vida específicas, ainda que possam compartilhar experiências comuns a outras mulheres, como demonstra, entre outras, a pesquisa realizada por Andrea Moraes Alves (2010) com mulheres lésbicas velhas, na faixa de 60 a 73 anos.

Das quatro entrevistadas, embora todas estivessem em relações estáveis, cada uma trazia marcos distintos em suas histórias: uma delas foi casada com um homem, sendo mãe de dois filhos frutos desse casamento e é avó de dois netos; uma era viúva, havia perdido a companheira depois de 20 anos de vidas compartilhadas, e com ela adotaram três crianças; outra estava experimentando pela primeira vez coabitar com uma namorada, e nunca teve filhos; a quarta já havia vivido junto com três ex-companheiras, em relacionamentos que duraram de quatro a 15 anos (Alves, 2010).

Com trajetórias muitas vezes não lineares, as lésbicas velhas carregam histórias de vida diversas e adversas: algumas relacionaram com outras mulheres desde cedo; outras apenas na vida adulta, após vivências heterossexuais e, às vezes, com filhos oriundos dessas relações com homens; há quem tenha se descoberto na meia-idade ou velhice, vivendo antes uma vida dupla ou de repressão; algumas jamais se assumiram, mantendo as suas relações em segredo; outras construíram famílias com parceiras, com ou sem filhos, por adoção ou reprodução assistida. Os vínculos familiares também variam, desde rompimentos precoces com a família de origem à coexistência de núcleos familiares separados.

Muitas das lésbicas velhas vivenciaram, em maior ou menor grau, os efeitos das repressões à homossexualidade, tanto feminina quanto masculina, intensificadas durante a ditadura militar no Brasil. Também enfrentaram o discurso médico-científico, ainda vigente na transição do século XX para o XXI, de que desejar e manter relações com pessoas do mesmo sexo/gênero era uma patologia a ser curada. Essa experiência geracional deixou marcas profundas, como a internalização de culpa e vergonha, levando muitas lésbicas a viverem os seus vínculos afetivos, mesmo os mais duradouros, como segredos, à margem da visibilidade pública.

Em estudo que investiga as representações da velhice e do tornar-se velha a partir do olhar de mulheres homossexuais de meia-idade, com idades entre 40 e 57 anos, Tânia Gonçalves Lima (2006) demonstra, através dos depoimentos das suas entrevistadas, que essas têm vivido as suas relações afetivossexuais apartadas das suas famílias de origem, das relações advindas dos espaços de trabalho e de outras relações sociais. No depoimento de 8 das 10 mulheres que compõem a pesquisa, reproduz-se a narrativa de que não é preciso ou não foi possível se assumirem homossexuais, de que optaram por não “levantar bandeiras” em função das suas famílias e de um preconceito que, por vezes, reconhecem ou, por outras, ainda que não reconheçam objetivamente, aparece de maneira velada nas suas narrativas ao dizerem que são amadas e respeitadas sem precisar dizer quem são.

O percurso para a constituição de uma identidade lésbica foi, para muitas lésbicas velhas, construído na passagem do tempo, de maneira cuidadosa e dentro das redes de relações com amigas íntimas, onde o afeto e o desejo podiam emergir com alguma liberdade, muitas vezes ao custo do distanciamento das famílias de origem. Em seus relatos, é comum às lésbicas com mais de 60 anos, a percepção de que, hoje, as jovens lésbicas contam com mais possibilidades de reconhecimento, expressão e pertencimento do que aquelas que as antecederam (Alves, 2010).

Destaca-se ainda como, nos relatos de mulheres lésbicas velhas, há a valorização da vida sexual ativa e satisfatória, em contraste com estudos sobre mulheres heterossexuais da mesma faixa etária. Para essas mulheres, amor, desejo, estima e amizade sustentam os seus relacionamentos e vínculos afetivos (Ibidem). Assim, a persistência em viver o afeto e o erotismo entre mulheres, mesmo sob repressões, aponta para modos de subjetivação que desafiam tanto o imaginário social da velhice quanto a norma heterossexual.

Idadismo, lesbofobia e os seus impactos nas trajetórias de mulheres lésbicas velhas

O *idadismo*, também denominado *ageísmo* ou *etarismo*, refere-se ao preconceito e à discriminação com base na idade, especialmente direcionado às pessoas mais velhas, que são frequentemente vistas como menos capazes, improdutivas ou alheias às dinâmicas sociais. Trata-se de uma forma de opressão que opera de maneira transversal em diferentes esferas da vida social e se manifesta de maneira institucional, interpessoal e autodirecionada, sendo internalizada pelos próprios indivíduos afetados (OMS, 2022).

O *Relatório Mundial sobre Idadismo* (2022), elaborado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), posiciona o *etarismo* como um obstáculo significativo à efetivação de

políticas públicas e à promoção do envelhecimento saudável, agravando o declínio cognitivo, reduzindo a expectativa de vida e prejudicando a recuperação de condições de saúde e incapacitantes, além de intensificar experiências de solidão e exclusão.

Esses efeitos são particularmente agravados quando considerados em intersecção com outras formas de opressão, como o sexismo e o racismo, ampliando ainda mais as vulnerabilidades de populações historicamente marginalizadas. Além disso, o idadismo contribui para silenciar e invisibilizar a sexualidade na velhice, dificultando o reconhecimento de desejos e afetos, e aumentando o risco de negligência, violência e abuso em diferentes contextos (OMS, 2022).

O idadismo, assim como outras formas de discriminação, é uma prática naturalizada que se apoia no que Collette Guillaumin (2014), socióloga francesa, chama de *Ideia de Natureza*, que, em termos simplificados, seria a justificativa ideológica que apresenta opressões como biologicamente determinadas. Aplicado à velhice, esse conceito ajuda a entender como a associação entre envelhecimento e decadência atua para desumanizar pessoas velhas, naturalizando a sua marginalização como se esta fosse efeito da idade, e não de práticas sociais de exclusão e discriminação.

Ainda que o envelhecimento possa, de fato, vir acompanhado de limitações, ele não se resume a elas. Ademais, há formas de lidar com os processos naturais de adoecimento e perda de capacidades sem que isso implique oferecer tratamentos ou defender crenças fundamentadas em preconceitos. Nesse ponto, o idadismo contra velhos, em diversas circunstâncias, se aproxima do capacitismo, isto é o preconceito contra pessoas com deficiência, na medida em que desvaloriza corpos e mentes que não se ajustam aos padrões de produtividade, juventude, autonomia e eficiência impostos pela lógica capitalista e neoliberal.

A naturalização dessa percepção e dos tratamentos a ela associados tem implicações gravíssimas: desde a possível subnotificação de casos de violência contra pessoas idosas até a internalização de estigmas, que leva muitas delas a aceitarem tratamentos discriminatórios como se fossem inevitáveis ou merecidos. Essa naturalização aparece de forma clara e ambivalente nos depoimentos das mulheres lésbicas de meia-idade entrevistadas por Tânia Gonçalves Lima (2006), que ora negam haver preconceito etário na sociedade, ora reproduzem imagens estigmatizadas da velhice, como aparece no discurso de uma das entrevistadas que compara o velho à criança, referindo-se a ambos como incapazes; ou ainda através da expressão de repulsa à ideia de envelhecer expressa por outra entrevistada: “Acho que eu também tenho uma jovialidade muito grande dentro de mim, talvez porque eu odeio tanto essa coisa de velhice” (p. 75).

Além de outras possíveis intersecções como o racismo, a discriminação de classe e o capacitismo, algumas mulheres velhas lidam, para além do idadismo e sexismo, com uma discriminação específica, esta direcionada à orientação sexual lésbica: a *lesbofobia*. Por *lesbofobia* podemos entender todas as formas de estigmatização e discriminação que concorrem para a subordinação das lésbicas. De acordo com Ángela Lorenzo (2012), antropóloga espanhola, a lesbofobia especifica a estigmatização da lésbica e pode ser definida como “o mecanismo político de opressão, dominação e subordinação das lésbicas em nossa sociedade” (p. 125), o que, em termos práticos, implica a expulsão e separação das lésbicas de determinados espaços sociais e culturais, mas, principalmente, do espaço dos direitos

civis. Ademais, implica na desumanização das mulheres lésbicas e outras diferentes formas de violência.

O mapeamento nomeado LesboCenso Nacional¹, realizado em 2022, lança luz sobre realidades urgentes e silenciadas das vivências lésbicas no Brasil. Segundo os dados, 78,61% das participantes relataram já ter sofrido lesbofobia, e 77,39% conhecem outra mulher lésbica que foi vítima de violência por sua orientação sexual. As formas mais recorrentes de agressão relatadas incluem assédio moral (31,36%), assédio sexual (20,84%) e violência psicológica (18,39%), violências que corroem o cotidiano e minam o bem-estar físico e emocional dessas sujeitas. Entre os efeitos da lesbofobia, destaca-se aqui a invisibilização e negação da existência lésbica que, entre outras implicações, culmina na falta de políticas públicas e de preocupações sociais com este grupo, alvo de violações de direitos específicas em função da sua orientação sexual.

Na pesquisa já mencionada de Tânia Gonçalves Lima (2006), as mulheres lésbicas de meia-idade por ela entrevistadas partem, em seus relatos, da prerrogativa de não precisarem se assumir lésbicas porque isso não interfere nos seus trabalhos ou não diz respeito às suas relações familiares (Lima, 2006). Essa alegação, no entanto, não pode ser tomada apenas como uma escolha deliberada, sendo importante compreender o impacto da lesbofobia sobre essas mulheres. Como lembra uma delas: “A partir do momento que eu não assumo a minha homossexualidade para a sociedade, isto me incomoda de alguma forma” (p. 85).

Afinal, não se assumir lésbica tem implicações para a saúde mental e para as relações sociais estabelecidas nos espaços de trabalho e demais espaços sociais, como relatou uma das minhas entrevistadas, ao afirmar que mantinha-se em silêncio sempre que as colegas de sala falavam sobre os seus namorados, maridos e casamento, não se sentindo autorizada a desabafar ou mesmo compartilhar alegrias ou eventos do seu cotidiano (Sanchez, 2018a). Adrienne Rich (2019 [1986]), pensadora lésbica feminista estadunidense, aponta que a lésbica é impelida a ocultar ou negar a verdade sobre os seus relacionamentos afetivo-sexuais, mas, mais que isso, é requerido que ela se comporte, no ambiente de trabalho, como uma mulher heterossexual no que diz respeito ao seu vestuário, performance e desempenho cotidiano.

O mesmo raciocínio pode ser estendido às vivências de lésbicas em outros espaços: familiares, religiosos, de sociabilidade, de saúde e demais contextos públicos, nos quais frequentemente não são aceitas ou temem existir de maneira plena. Em muitos casos, isso as leva a omitir ou negar aspectos fundamentais de suas vidas pessoais e afetivas, seja ao lado de companheiras, amigas ou mesmo consigo mesmas, relegando essas dimensões ao espaço íntimo das relações sexoafetivas ou a redes restritas de amizade entre lésbicas.

¹ O LesboCenso Nacional é o primeiro mapeamento sociodemográfico e de vivências de mulheres lésbicas e sapatonas no Brasil, realizado pela Coturno de Vênus e a Liga Brasileira de Lésbicas (LBL) em trabalho conjunto com lésbicas de diferentes lugares do Brasil. Explorando aspectos como autoidentificação, trabalho, educação, saúde, relacionamentos, relações familiares e redes de apoio, este mapeamento objetiva contribuir para dirimir as subnotificações em torno de violências e negação de direitos de mulheres lésbicas e sapatonas.

Em trabalhos anteriores (Sanchez, 2018a; 2018b), em que entrevistei lésbicas de diferentes idades, dentre elas uma mulher lésbica de 55 anos e outra de 68, ambas relataram não serem assumidas em seus locais de trabalho e temerem experiências de rejeição ou exclusão caso se afirmassem ou fossem descobertas enquanto homossexuais. No caso da lésbica mais velha, professora escolar, ela optou por morar o mais distante possível do espaço da escola, a fim de que a sua vida pessoal pudesse ser mantida em segredo, tanto no sentido de ocultar a sua relação com a sua companheira quanto a sua relação com outras amigas lésbicas que tinham o hábito de frequentar a sua casa.

O impacto dessas e de outras formas de discriminação sobre a saúde mental das lésbicas é documentado por pesquisas que apontam que a lesbofobia internalizada, os preconceitos familiares e sociais, as normas e expectativas produzidas pela heterossexualidade, o estigma e os processos de rejeição e exclusão social podem levar a quadros de depressão, ansiedade, autoódio, isolamento, uso abusivo de substâncias e, em casos mais graves, ao suicídio (Fernandes, Soler e Leite, 2018; Rich, 2019; Milanez et al., 2022). É preciso cuidado, contudo, para que essas associações não reforcem os estigmas das vivências lésbicas em uma sociedade sexista e lesbofóbica, isto é, é fundamental assumir que o sofrimento psíquico, nesses casos, não é expressão de um problema individual ou efeito da existência lésbica em si mesma, mas, sim, consequência direta da violência sexista e lesbofóbica a que essas sujeitas estão submetidas.

No campo da saúde, a invisibilização da sexualidade lésbica também produz efeitos prejudiciais. Em pesquisa com profissionais da área, Letícia Sousa Milanez et al. (2022) observaram que as enfermeiras sequer reconhecem os seus próprios preconceitos, nem tão pouco compreendem como as suas práticas podem barrar e prejudicar o processo de acolhimento de pacientes lésbicas, dificultando o vínculo com essas e inviabilizando o atendimento integral às suas demandas.

No caso das lésbicas velhas, essas barreiras são ainda agravadas por um duplo apagamento: o da sexualidade e o da velhice. O idadismo, frequentemente naturalizado nos atendimentos em saúde, tende a pressupor, de forma automática, a inatividade sexual da mulher idosa, como se o desejo e a intimidade não fossem possíveis para essas sujeitas. Assim, a lesbofobia se articula a esse preconceito etário, reforçando silêncios e negligências que atravessam toda a trajetória de cuidado dessas mulheres.

Da mesma forma, a violência de gênero costuma ser tratada como um problema da juventude, como se o sexismo, a lesbofobia e o próprio envelhecimento não impactassem a vida das mulheres velhas, o que reforça a ideia equivocada de que essas mulheres estariam fora do alcance da violência ou, ainda, de que as suas experiências seriam menos graves ou menos merecedoras de atenção. Contra essa invisibilidade, ecoa o chamado de Alda Britto da Motta (2011, p. 14): “as velhas também existem”. E, é preciso afirmar com igual contundência, as lésbicas velhas também existem, mesmo lhes sendo negado o direito de viver plenamente.

Considerações finais

Dado o exposto até aqui, é possível afirmar que o envelhecimento feminino se inscreve num campo de múltiplas opressões, onde idade, gênero e sexualidade

interagem de maneira indissociável. Envelhecer sendo mulher é enfrentar não apenas o tempo, mas também os valores culturais que insistem em negar às mulheres velhas, e ainda mais especificamente a *algumas* mulheres velhas, como as lésbicas, o direito à visibilidade, à autonomia e à dignidade.

Os estudos já realizados sobre a intersecção entre velhice e lesbianidade, embora ainda escassos, revelam desafios e barreiras que atravessam as vivências das velhices lésbicas, desde o isolamento social até a deslegitimação ou invisibilização de suas relações afetivas. Soma-se a isso o acesso precário, quando não inexistente, a serviços e políticas públicas sensíveis às suas necessidades. Contudo, as lésbicas não apenas têm demandas específicas, elas também inventam modos de vida próprios, criam redes de cuidado entre amigas, constroem afetos e relações sexoafetivas vividas, muitas vezes, de formas distintas daquelas experienciadas por pessoas heterossexuais, produzindo memórias que não ressoam nas narrativas dominantes sobre as velhices, mas que precisam ser visibilizadas.

É indispensável que as políticas públicas reconheçam as interseccionalidades que constituem a experiência feminina de envelhecimento, considerando as especificidades das velhices lésbicas e de outras velhices dissidentes e marginalizadas, e que a sociedade como um todo, das instituições de ensino à mídia, da política institucional às famílias, aprenda a reconhecer e valorizar essas subjetividades e suas trajetórias.

Afinal, para desmontar a cultura de desvalorização das pessoas velhas é preciso justamente fazer o contrário: reconhecer, visibilizar e celebrar essas existências e as suas trajetórias. Uma tarefa que é coletiva, política e urgente, e que implica romper com os estereótipos, produzir uma ética de cuidado e escuta qualitativa, fortalecer os vínculos intergeracionais com mais qualidade e criar novas possibilidades de existência na velhice, com mais direitos, dignidade, afeto e autonomia.

Referências

ALVES, A. M. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 213-223, jul./dez. 2010.

BRITTO DA MOTTA, A. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, n. 13, p. 191-221, 1999.

BRITTO DA MOTTA, A. Novas formas de sociabilidade de idosos: o caso de Salvador. **Bahia Análise & Dados**, v. 10, n. 4, p. 129-137, mar. 2011.

BRITTO DA MOTTA, A. Idades da mulher. **Revista Feminismos**, v. 1, n. 13, 2013. p. 1-20.

BRITTO DA MOTTA, A. Idade e solidão: a velhice das mulheres. **Revista Feminismo**, v. 6, p. 88-96, 2018.

CLARKE, C. Lesbianism: an act of resistance. In: MORAGA, C.; CASTILLO, A. (ed.). **This Bridge Called My Back**. San Francisco: ISM Press, 1988.

CULLINS, D. M.; FREDRIKSEN-GOLDSSEN, K.; FREEMAN, P. A.; NYSTROM, N. **Lives of Lesbian Elders: looking back, looking forward.** New York: The Haworth Press, 2005. 209 p.

CURIEL, O. **La nación heterosexual: análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación.** Bogotá: Brecha Lésbica y en la Frontera, 2013.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** 1. ed., 3. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

DEBERT, G. G.; BRIGEIRO, M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, n. 80, p. 37-54, 2012.

ELOI, J. F.; DANTAS, A. H. L.; SOUZA, A. M. B.; CERQUEIRA-SANTOS, E.; MAIA, L. M. Intersecções entre envelhecimento e sexualidade de mulheres idosas. **Revista Saúde e Transformação Social**, v. 8, n. 1, p. 61-71, 2017.

FERNANDES, M.; SOLER, L. D.; LEITE, M. C. B. P. Saúde das mulheres lésbicas e atenção à saúde: nem integralidade, nem equidade diante das invisibilidades. **Boletim do Instituto de Saúde**, São Paulo, 2018.

GUILLAUMIN, C. Prática do poder e ideia de natureza. In: FALQUET, J. et al (Orgs.). **O patriarcado desvendado: teoria de três feministas materialistas.** Recife: SOS Corpo e Cidadania, 2014. p. 27-101.

LESBOCENSO. LesboCenso Nacional: mapeamento de vivências lésbicas no Brasil. Liga Brasileira de Lésbicas; Associação Lésbica Feminista de Brasília – Coturno de Vênus, 2022. Disponível em: <https://www.lesbocenso.com.br/relatorio-primeira-etapa>. Acesso em: 25 jul. 2025.

LIMA, T. G. **Tornar-se velho: o olhar da mulher homossexual.** 2006. 152 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

LORENZO, Á. A. La construcción cultural de la lesbofobia: una aproximación desde la antropología. In: RUBIO, J. M. (org.). **Homofobia: labirinto de la ignorancia.** México: UNAM; Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades; Colegio de Ciencias y Humanidades, 2012. p. 125-146.

MILENEZ, S.; NABERO, A. P. P.; SILVA, N. A.; PEDROSA, J. I. S.; FERREIRA, B. O. Saúde de lésbicas: experiências do cuidado das enfermeiras da atenção básica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 3891-3900, 2022.

OMS. Relatório mundial sobre o idadismo. Washington, D.C.: Organização Pan-Americana da Saúde, 2022.

SANCHES, S. R. S. **Mulheres que amam mulheres: narrativas lésbicas no interior da Bahia.** Livro-reportagem (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Bahia, 2018a.

SANCHES, S. R. S. “Antigamente essas coisas não existiam”: pensando a invisibilidade lésbica a partir da história de vida de uma mulher mais velha autodenominada homossexual no interior da Bahia. In: REDOR – XX Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero, 2018, Salvador. Anais [...]. Salvador: s.n., 2018b. p. 1-13.

SANCHES, S. R. S.; SILVA, Z. P. da S.; BRITTO DA MOTTA, A. Heterossexualidade enquanto categoria de análise: por uma abordagem lésbico-feminista das existências lésbicas e seu envelhecimento. **Revista Sociologias Plurais**, v. 10, n. 1, p. 11-31, jan. 2024.

SANTOS, S. S. **Sexualidade e amor na velhice**. Porto Alegre: Sulina, 2003. 108 p.

TAVARES, M. Nosso amor de ontem: até que a morte nos separe?! **Oralidades**, n. 3, p. 29-45, 2008.

WITTIG, M. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Data de recebimento: 30/08/2025; Data de aceite: 15/09/2025

Sarah Rynne Sukerman Sanches - Jornalista (DRT 6176/BA). Mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM/UFBA). Especialista em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidades na formação de Educadores/as (UNEB). Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (UFRB). Pesquisa a existência lésbica e questões geracionais, com foco no envelhecimento de mulheres que amam mulheres. É idealizadora do projeto de pesquisa e website “Envelhecer sendo lésbica” (<https://www.envelhecersendolesbica.com/>), que contam com o apoio do Itaú Viver Mais e do Portal do Envelhecimento e Longevidade, no âmbito do Edital Acadêmico de Pesquisa. E-mail: sarahrssanches@hotmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0007-3928-6674>.